

# O USO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE PALMAS: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA

## THE USE OF PRETONIC MID-VOWELS IN PALMAS' SPEECH: A VARIATIONIST APPROACH

Erika de Souza Luz **1**

Daniel Marra **2**

**Resumo:** Este trabalho apresenta alguns resultados da pesquisa intitulada "O comportamento das vogais médias pretônicas no falar palmense", trabalho que descreve, baseado na teoria variacionista de William Labov, as formas de uso das vogais médias /e/ e /o/, em posição pretônica, por falantes nativos de Palmas, capital do Tocantins. Para isso, analisamos sete variáveis independentes, quatro linguísticas e três sociais. Os dados gerados emergiram através de respostas de 24 participantes, estratificados por sexo, idade e escolaridade, por meio de um questionário de 58 perguntas, cujas respostas são palavras que possuem as vogais-alvo da pesquisa. Assim, em relação ao uso das vogais médias pretônicas, o resultado do estudo permitiu classificar a fala de Palmas como centro-sulista, com o predomínio de vogais médias-altas, seguidas de vogais altas, fato que distancia a fala de Palmas da fala das regiões Nordeste e Norte, já que a frequência de uso de vogais médias-baixas não foi significativa.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. Vogais Médias Pretônicas. Falar Palmense.

**Abstract:** This work present some results of the research entitled *The behavior of pretonic mid-vowels of Palmas' speech*, a work that describes, based on William Labov's variationist theory, the ways of using mid-vowels /e/ and /o/, in pretonic position, by the native speakers of Palmas, capital of Tocantins, Brazil. We analyze seven independent, four linguistic and three social variables. The data were generated from 24 individuals, stratified according to gender, age and education level, through structured interviews of 58 questions, whose answers are words with the target vowels of the research. Regarding the use of pretonic mid-vowels, the result enables us to classify Palmas' speech as a central-southern speech, with a predominance of close mid-vowels, followed by close vowels, a fact that distances Palmas' speech of Northeastern and Northern speaking, since the frequency of use of open mid-vowels was not significant.

**Keywords:** Linguistic Variation. Pretonic Mid-Vowels. Palmas' Speech.

---

**1** Professora do EBTT do Instituto Federal do Tocantins- Campus Palmas. Mestre em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias- PT. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6884913012266578>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7453-7538>. E-mail: [erika@ifto.edu.br](mailto:erika@ifto.edu.br)

**2** Doutor em Letras e Linguística. Instituto Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins. Brasil. Doutor em Letras e Linguística (UFG-2012). Professor EBTT do Instituto Federal do Tocantins- Câmpus Palmas. Realizou estudos de pós-doutoramento na Universidade Federal de Goiás (2013-2014) e na Universidade de Sidney, Austrália (2018-2019). Desenvolve pesquisa e orienta estudantes de graduação e pós-graduação em Linguística com foco em Sociolinguística, Lexicologia, Historiografia Linguística e Filosofia da Linguística. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3649937025850560>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2946-3722>. E-mail: [danielmarra@ifto.edu.br](mailto:danielmarra@ifto.edu.br)

## Introdução

O linguista romeno Eugenio Coseriu (1921-2002) em várias de suas contribuições para a reflexão acerca da língua costumava definir esse objeto como algo resultante da habilidade do falante de criar cultura e, portanto, de criar língua. Neste sentido, as fronteiras entre língua e cultura se diluem e ao mesmo tempo em que aquela se apresenta como parte constitutiva da cultura é ela também cultura, portanto, são inerentes a sua natureza as mudanças decorrentes de seu uso prático.

Antes de Coseriu, William W. Whitney (1827-1894) já dizia que por ser uma criação humana nada haveria interno ao sistema da língua que pudesse conservar a identidade das palavras, pois sendo a palavra um signo arbitrário e convencional falta-lhe força interna que conserve sua identidade. Isso faz com que ela fique exposta a toda sorte de mudanças. Uma vez que a palavra passa ao domínio do tempo, esse se torna o seu principal indicador de estabilidade e de mudança.

É notório que as línguas estão sujeitas, no curso de seu desenvolvimento, a uma enorme gama de variações. E são essas variações que fazem com que haja as diferenças regionais. O vocalismo, no processo de descrição do português brasileiro, merece atenção especial por marcar diferenças dialetais bem evidentes, particularizando de modo efetivo as comunidades de fala. Nesse sentido, Palmas, a capital mais nova do país, foi escolhida para esta pesquisa por representar uma comunidade de fala ainda jovem e em processo de formação. Por isso, registrar as escolhas linguísticas dos nativos da capital em relação ao uso das vogais médias pretônicas particulariza os falares locais.

A capital do Tocantins, formada por pessoas de diferentes regiões brasileiras, constitui interessante corpus de pesquisa, dada a percepção dos diferentes sotaques e falares. Verificar as preferências de uso das vogais médias pretônicas na fala do nativo palmense é uma forma de, além de dar início aos registros de fala, que podem ser utilizados em estudos diacrônicos futuros, contribuir com o mapa linguístico regional e nacional em relação ao fenômeno em estudo.

O ponto de partida para este trabalho surgiu da participação da pesquisadora no projeto Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins e Demonstração das Normas Linguísticas Escrita e Falada no Tocantins, orientado pelo Prof. Dr. Daniel Marra, cujo objetivo é a coleta de dados lexicais e fonético-fonológicos de diferentes pontos do estado. Outra questão que merece destaque e que instigou esta pesquisa é o fato de a capital Palmas estar localizada geograficamente no centro do país e seus moradores, nativos ou não, terem um contato linguístico diversificado, principalmente em relação ao uso das vogais médias em posição pretônica, fator comprovado de demarcação dialetológica.

Diante disso, buscamos registrar as escolhas das vogais /e/ e /o/ em posição pretônica, a fim de verificar a predominância em relação à manutenção [e,o] do som dessas vogais, ou se ocorre o fenômeno denominado abaixamento [ɛ,ɔ] ou alçamento [i,u], momento em que essas vogais são pronunciadas como m[e]nino- manutenção, m[ɛ]nino- abaixamento ou m[i]nimo- alçamento; c/o/ruja- manutenção, c/ɔ/ruja- abaixamento, c/u/ruja- alçamento.

Este direcionamento nos permite momentaneamente caracterizar o falar palmense em relação ao uso dessas vogais e, ao mesmo tempo, verificar uma suposta proximidade ou distanciamento com falares de outras regiões. Para apresentar um panorama inicial em relação ao uso das vogais médias pretônicas, recorreremos inicialmente à proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), precursor nos estudos desse fenômeno linguístico.

Com o objetivo de conhecer efetivamente o uso dessas vogais nas diferentes regiões brasileiras e ter um suporte teórico para comparar os resultados obtidos na pesquisa com os participantes de Palmas, a fim de verificarmos uma proximidade ou distanciamento linguístico com as demais regiões, recorreremos a estudos importantes sobre o vocalismo no Brasil, dentre eles citamos as pesquisas de Bisol (1981) e Klunck (2007) sobre a região sul; Yacovenco (1993), Célia (2004), Almeida e Dias (2008), Silveira (2008), Carmo e Tenani (2009), Rocha (2013), Dias (2014), Brandão e Rocha (2015) sobre a região sudeste; Soares (2004), Araújo (2007), Silva (2009), Paim e Anjos (2015) sobre a região nordeste; Freitas (2001), Sousa (2010), Oliveira (2013) e Silva (2018) sobre a região norte; Graebin (2008) sobre a região centro-oeste. No Tocantins, temos o trabalho de Silva (2018), que buscou traçar o perfil dialetológico do falar tocantinense.

Para esta pesquisa, pautamo-nos nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, campo de estudo que fornece base sólida para estruturação de todas as etapas de trabalho: teoria, método para geração e análise de dados.

## Aporte Teórico

A língua é o instrumento responsável por ligar socialmente os povos e, ao mesmo tempo, diferenciá-los, visto que as ciências da linguagem admitem, estudam e descrevem a heterogeneidade existente entre as diferentes línguas ou ainda investigam as diferenças internas numa mesma língua. Esse segundo ponto constitui o foco dessa pesquisa, que é o de investigar e descrever os usos das vogais médias pretônicas no falar palmense. Ao considerarmos as diferentes regiões brasileiras, as vogais em posição pretônica apresentam variações, visto que estão envolvidas em processos fonológicos que alteram suas configurações em relação ao tradicional sistema vocálico.

Investigar a fala do nativo de Palmas é buscar registrar e descrever os usos de escolhas linguísticas que podem aproximar os falares locais de algumas regiões e distanciá-los de outras. No início deste projeto, havia a curiosidade em saber se o falar palmense já apresentava alguma peculiaridade em especial que o diferenciava regionalmente ou, ainda, havia a hipótese da forte influência nortista e nordestina nas construções de fala, visto a proximidade com estas regiões, além dos dados concretos do número significativo de migrantes que vieram no início da formação da capital.

Estudar o processo de variação das vogais médias pretônicas marca de modo importante os falares locais e regionais, colaborando com as pesquisas sobre a região norte. Nesse sentido, o mais novo estado da federação e sua capital precisam ser contemplados com estudos que destaquem a região no mapa dialetológico do Brasil.

Em 1922, Antenor Nascentes já propunha uma divisão dialetal do país com base nos usos dessas vogais e parte da região onde hoje se localiza o Tocantins ficou, por muito tempo, classificada como território incharacterístico. Essa demarcação se deu pelo fato desta parte do território não ser tão povoada, durante o processo das primeiras pesquisas. Em seu trabalho inicial, Nascentes (1953) evidenciou a formação do português brasileiro e enfatizou acontecimentos históricos de colonização como principais influenciadores na construção de nossa língua. Hoje, é fato que, apesar de uma aparente uniformidade, o português brasileiro apresenta uma considerável diversidade linguística.

Em seu trabalho, precursor no Brasil em relação a uma divisão dialetal, Nascentes apontou subfalares pensados por ele em 1922 e reafirmados em 1953, que foram fundamentais para o delineamento do mapa linguístico do Brasil, além de fator significativo para os estudos dialetológicos e sociolinguísticos, tanto que sua configuração ainda continua, em grande proporção, usada no Projeto ALIB- Atlas Linguístico do Brasil.

Ao observar os falares das diferentes regiões, o pesquisador iniciou o trabalho de pensar em divisões dialetais e os usos das vogais foram importantes nesse processo de demarcação, visto que hoje podemos afirmar, por meio de várias pesquisas, que há diferenças regionais em relação aos seus usos. O falar nordestino é diferente do falar sulista, por exemplo.

Sobre o uso das vogais no Português Brasileiro, Câmara Jr. (1980) caracteriza o sistema do PB da seguinte forma: a vogal baixa /a/, as vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/, as vogais médias altas /e/ e /o/ e as vogais altas /i/ e /u/. Devido às alternâncias nas articulações de fala, ocorrem diferentes usos nas posições pretônica, tônica, postônica e átona final. Devido aos diferentes usos e alternâncias, o sistema vocálico passa por um processo de redução, identificado por sete vogais na sílaba tônica. Em posição pretônica, as vogais são reduzidas para cinco.

Os estudos de Silva (2017) classificam as vogais orais do português em tônicas, pretônicas ou postônicas e que estas vogais, quando tônicas, apresentam homogeneidade em todas as variedades do português. A autora reforça ainda que o modo de articulação dessas vogais caracteriza variações dialetais no PB. Sobre as vogais médias /e/ e /o/, em posição pretônica, a autora cita variação dessas vogais nos dialetos do português, processo em que pode ocorrer o abaixamento, manutenção ou alçamento dessas vogais, como em m [o] delo, m[ɔ]delo ou m[u]delo e pr[e]sidente, pr[i]sidente ou pr[ɛ]sidente.

A partir da constatação do fenômeno da variação em relação ao uso das vogais médias em posição pretônica, vários estudos foram realizados no intuito de esclarecer os fatores linguísticos e sociais que podem causar essa alternância. Desse modo, a descrição dos processos fonológicos de uso das vogais médias pretônicas é fundamental para que sejam esclarecidos os fatores condicionadores da variação.

Nesse sentido, Câmara Jr. (1977) observou o processo de neutralização das vogais médias e também a harmonização vocálica, ponto investigado posteriormente por Bisol (1981), que contribuiu com pesquisas pioneiras sobre os fatores sociais e linguísticos que poderiam condicionar a variação das vogais médias em posição pretônica.

Tendo em vista os diferentes fatores sociais e linguísticos que podem ocasionar as variações linguísticas, para dar suporte a esta pesquisa, este trabalho está pautado nos pressupostos sociolinguísticos da teoria laboviana, que apresenta suporte teórico e metodológico para seu desenvolvimento. Foi a partir das pesquisas desenvolvidas por Labov (1963) que o estudo da língua enquanto fato social ganhou contornos sistemáticos.

Labov (1963) buscou relacionar e compreender as correlações entre fatores linguísticos e sociais, hoje método primordial nas pesquisas em sociolinguística variacionista. De acordo com o pesquisador, a fala de um indivíduo não pode ser analisada sem considerar fatores extralinguísticos como idade, sexo, grau de escolaridade e classe social, já que estes são também fatores que podem condicionar a variação.

Esse método, aplicado à geração de dados e à análise linguística em programas específicos para a geração de dados de análises estatísticas é o que orienta a maioria das pesquisas linguísticas. Os estudos sociolinguísticos priorizam as variações e, nesse contexto, o pesquisador se interessa pelas manifestações linguísticas e sociais utilizadas nas variedades faladas de uma determinada língua. Para Cezario e Votre (2008), um dos objetivos da Sociolinguística é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um dos fatores na configuração do quadro que se apresenta variável.

Martelota (2011) reforça esse discurso quando descreve as escolhas de análise do pesquisador.

Diante de um fenômeno de variação, o pesquisador procura, através da análise de diversos fatores linguísticos e extralinguísticos, saber se se trata de variação estável ou de mudança em progresso. Duas ou mais formas de se dizer algo com valor semelhante são considerados casos de variação. Se a variação se mantiver bem delimitada por grupos dialetais (regionais ou sociais), dizemos que a variação é estável. Por exemplo, pessoas de classes mais elevadas e de escolaridade alta usam mais a forma A, de prestígio; e pessoas de classes mais baixas com baixa escolaridade usam com mais frequência a forma B, sem prestígio. Caso a forma anteriormente sem prestígio comece a ser usada na fala de pessoas com alto grau de escolaridade com frequência cada vez mais alta, isso pode ser um indício de mudança em curso (MARTELOTA, 2011, p. 48).

Os fatores linguísticos e extralinguísticos, fornecidos pela Sociolinguística Variacionista, possibilitam a constatação de que as línguas são de fato dinâmicas e sofrem variações no decorrer do tempo. Nesse sentido, é importante também que o pesquisador, de tempos em tempos, retorne às comunidades pesquisadas no sentido de verificar mudanças em relação a resultados anteriores.

Ao destacar o dinamismo linguístico e o processo criativo dos indivíduos ao fazer uso da fala, Marra e Milani (2012), em consonância com o pensamento de Meillet (1906), afirmam:

Ela [a linguagem] foi criada e constantemente recriada pelos indivíduos no decorrer de seu desenvolvimento intelectual,

emocional e racional, para que, num primeiro momento, pudesse atender às necessidades de subsistência da raça, e depois para que servisse de apoio para o pensamento, para a expressão das emoções e para a reflexão. Nesse sentido, a linguagem sempre foi uma criação e recriação coletiva e cada indivíduo portador de seus signos cumpriu seu papel de mantenedor e propagador de tais signos (MARRA; MILANI, 2012, p. 87).

Mediante o exposto, a sociolinguística variacionista evidencia que o processo de variação é inerente aos sistemas linguísticos e as pesquisas na área buscam explicar as escolhas de uma determinada comunidade. Posto isto, o método laboviano, bem definido e delimitado, fornece aos pesquisadores ferramentas para estabelecer variáveis, coletas e codificação de dados, assim como instrumentos computacionais para o tratamento de dados e análise dos fenômenos pesquisados, visto que orienta explicações e justificativas para as escolhas dos falantes, relacionando-as com o caráter social da linguagem.

## Constituição da pesquisa

Estudos sobre o uso das vogais médias em posição pretônica evidenciam que diferentes comunidades de fala fazem usos variados ao pronunciar essas vogais, podendo acontecer o processo de manutenção [e,o], abaixamento [ɛ,ɔ] ou alçamento [i,u].

Com o objetivo de registrar os usos dessas vogais no falar palmense, selecionamos o perfil dos informantes. No momento da pesquisa, a cidade estava com 29 anos, então limitamos a idade máxima de 29 anos para o informante mais velho e a idade de 7 (sete) anos para o informante mais jovem. A idade mínima de 7 (sete) anos foi estabelecida em decorrência da estrutura dos instrumentos de coleta, visto que para este procedimento usamos também textos escritos. Nesse contexto, todos os participantes precisavam ser alfabetizados.

Como se trata de um estudo variacionista pautado na teoria laboviana, além do fator idade, os participantes foram estratificados de acordo com sexo e grau de escolaridade, conforme quadro a seguir:

**Quadro 1.** Composição do corpus de pesquisa.

FAIXA ETÁRIA	7-12		13-19		20-28	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<b>Fundamental</b>	4	4				
Médio			4	4		
Superior					4	4
					24 participantes	

**Fonte:** (LUZ, 2019).

O *corpus* desta pesquisa foi constituído por entrevistas de 24 participantes, estratificados linguística e socialmente, distribuídos de forma homogênea, considerando os aspectos sociais citados. Os participantes foram selecionados aleatoriamente, residem em diferentes setores da capital e estudam em diferentes instituições de ensino: 21 participantes em instituições públicas e 3 (três) participantes em instituições particulares.

## Definição das variáveis

A língua, enquanto sistema organizado e estruturado, possui regras de uso fixas e variáveis. E a variação nesse processo é um estímulo para a descrição dos fatores que provocam as mudanças. Desse modo, partimos para a escolha das variáveis independentes, linguísticas e sociais, a partir

das variáveis dependentes /e/ e /o/, que apresentam três variantes, dependendo da região de uso:

/e/- m[e]nino, m[ɛ]nino, m[i]nino

/o/- m[o]leque, m[ɔ]leque, m[u]leque

A partir das variáveis dependentes, elencamos um grupo de fatores linguísticos e sociais para o controle e análise da variação das variáveis dependentes:

### Variáveis linguísticas

- **Altura da vogal da sílaba precedente:** A partir dessa variável pretendemos verificar a influência da altura da vogal da sílaba precedente sobre o comportamento das vogais pretônicas.
- **Altura da vogal da sílaba seguinte à pretônica:** Estudos anteriores sobre o alçamento das vogais médias pretônicas indicaram que a elevação pode ocorrer por influência da assimilação do traço de altura, provocado pela harmonia vocálica, ou seja, se há a presença de uma vogal alta na sílaba tônica, provavelmente haverá o alçamento das vogais pretônicas, como em m[i]nino e c[u]ruja.
- **Contexto fonológico precedente:** Investigamos de que modo a consoante que precede a vogal média pretônica pode influenciar sua variação, ou seja, alguns pontos de articulação podem favorecer ou não a elevação, manutenção ou abaixamento.

Neste trabalho foram analisados os seguintes contextos:

- Labial: **perigo, bonito**
- Coronal: **dentista, cotovelo, tenente, tomate**
- Dorsal: **quebrado, governo, coragem**

**Contexto fonológico seguinte:** Assim como o contexto fonológico precedente pode interferir/influenciar a pronúncia das vogais médias pretônicas, o contexto seguinte também pode influenciar tal processo variável.

- Labial: **separado, cebola**
- Coronal: **eterno, metido, modelo,**
- Dorsal: **seguro, foguete, cegueira**

### Variáveis extralinguísticas/fatores sociais

Consideramos para essa pesquisa as variáveis sociais gênero, faixa etária e escolaridade. Observamos também a origem dos pais dos informantes, a fim de verificar possíveis influências nas escolhas linguísticas dos participantes.

Sobre a variável gênero, verificamos se há diferenças em relação ao uso das vogais médias pretônicas entre os participantes do sexo feminino ou masculino, fator considerável, visto que muitas pesquisas apontam diferenças importantes entre as escolhas de homens e mulheres.

O nível de escolaridade é outro fator de grande relevância, já que há o pressuposto de que falantes com maior nível de escolaridade tendem a fazer uso da variante padrão. Assim, investigamos se o grau de escolaridade interfere nas escolhas de uso das vogais médias pretônicas dos participantes.

Em relação à variante faixa etária, pesquisas sociolinguísticas têm mostrado que os falantes mais jovens são mais suscetíveis a mudanças linguísticas. Neste trabalho, buscamos verificar, então, se o fator idade influencia no uso das escolhas. Para isso, os informantes foram selecionados em três grupos: 7-12 anos, 13-19 anos e 20-29 anos.

### Método de coleta

Para esta etapa, foram definidos primeiramente quais instrumentos de coleta seriam

usados. Optamos por verificar o fenômeno em análise a partir de três instrumentos: conversa informal, aplicação de questionário, organizado especialmente para coletar informações sobre esse fenômeno e leitura de um texto, também preparado previamente para este fim.

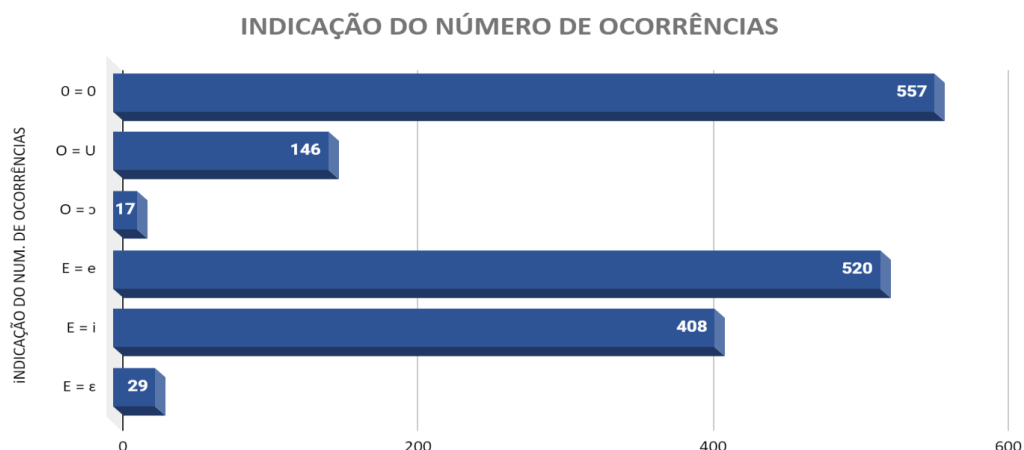
O questionário fonético-fonológico e semântico lexical contém 58 perguntas, algumas retiradas do ALiB (2001) e ALINGO (2015) e outras adaptadas para esta pesquisa.

## Resultados: Análise e discussão

Conforme explicações anteriores, para este estudo foram analisadas 24 entrevistas com participantes estratificados por idade, sexo e grau de escolaridade, moradores de diferentes regiões da capital Palmas. Das 60 palavras que emergiram dos inquéritos, 25 contêm a variável dependente [o], como *[o]rvalho* e *s[o]luço* e 31 apresentam a variável [e], como em *m[e]nina* e *b[e]zerra*. Nesse contexto, em 4 palavras há ocorrências das duas variáveis [e,o] no mesmo vocábulo, como em *am[e]nd[o]im* e *[e]sf[o]meado* e algumas palavras apresentam mais de uma ocorrência da mesma vogal em posição pretônica, como em *d[e]sd[e]ntado* e *b[o]rb[o]leta*, fatores que foram contabilizados na análise.

No total, obtivemos 957 ocorrências com a variável [e] e 720 com a variável [o]. O gráfico a seguir indica o número de ocorrências e apresenta uma prévia dos resultados.

**Gráfico 1.** Apresentação do total de ocorrências e prévia dos resultados.



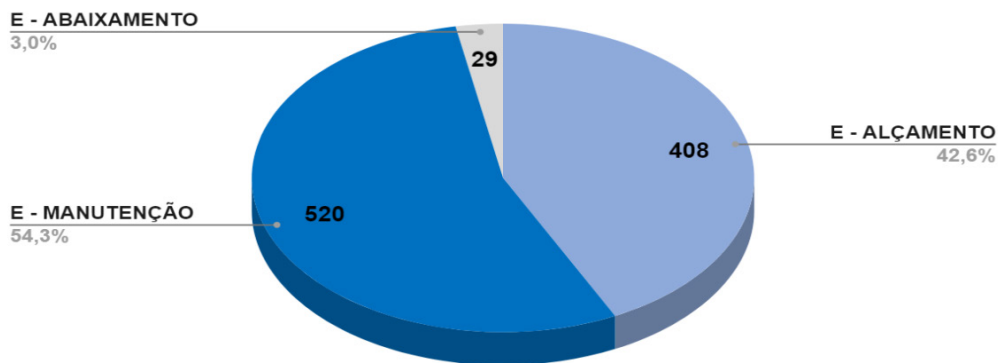
**Fonte:** (LUZ, 2019).

As variáveis dependentes [e] e [o] foram observadas separadamente, respeitando as variáveis independentes, linguísticas e sociais, que compõem as análises.

Os gráficos seguintes mostram, separadamente, os resultados obtidos através de porcentagem para as variáveis dependentes [e] e [o].

**Gráfico 2.** Resultados das ocorrências para a variável dependente [e].

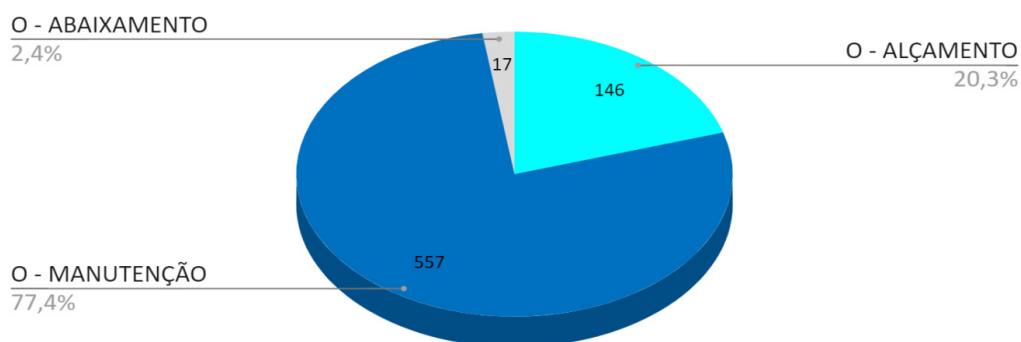
**OCORRÊNCIAS DA VOGAL - "E"**



Fonte: (LUZ, 2019).

**Gráfico 3.** Resultados das ocorrências com a variável dependente [o].

**OCORRÊNCIAS DA VOGAL - "O"**



Fonte: (LUZ, 2019).

Constatamos inicialmente que, apesar de Palmas se localizar na região Norte e grande parte dos participantes desta pesquisa serem filhos de pais de origem nortista ou nordestina, não houve presença significativa das variantes médias baixas [ɛ,ɔ] na fala dos nativos palmenses participantes dessa pesquisa.

Ocorreu, neste estudo, o predomínio de uso das vogais médias em posição fechada [e] e [o], seguido de considerável uso de alçamentos [i] e [u]. A ocorrência de uso das vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] não foi significativa, fator relevante a ser pesquisado em investigações futuras. A baixa frequência de uso das variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ] mostra como pouco produtiva a possível influência extralinguística proporcionada pela migração nordestina e nortista em relação ao uso das vogais médias em posição pretônica.

Sobre essa questão, Razky, Lima e Oliveira (2012), em estudos sobre a região Norte, afirmam que as cidades caracterizadas por grande influência nordestina podem favorecer as variantes abertas, mas salientam que isso não é regra para todas as cidades que sofreram fluxo de migração do Nordeste. Os autores citam como exemplo a região nordeste do estado do Pará (de forte migração nordestina), que devido à proximidade com Belém, há o favorecimento de uso das variantes fechadas [e] e [o].



Bortoni, Gomes e Malvar (1992) pesquisaram, em Brasília, o processo de harmonia vocálica quanto à elevação do [e] e constataram que, entre as famílias paraibanas, a frequência das variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ] chegava a 65% na fala dos pais e 17% na fala dos filhos. De acordo com as autoras, esse resultado indicou que as gerações nativas de origem nordestina se acomodavam às características das variedades do centro-sul e que os jovens seriam motivados, possivelmente, pelo prestígio dos falares centro-sulistas no Distrito Federal.

Os resultados dessa pesquisa ecoam com os resultados da pesquisa de Bortoni, Gomes e Malvar (1992), visto que os resultados gerais apontaram para a predominância das médias altas [e,o] e alçamentos [i,u], fator que merece investigações futuras.

Em seguida, apresentamos os resultados relacionados aos fatores linguísticos selecionados para esta pesquisa, seguidos dos resultados que envolvem as variantes sociais.

## Altura da vogal da sílaba precedente

**Tabela 1.** Vogais médias pretônicas: altura da vogal da sílaba precedente.

OCORRÊNCIA DA VOGAL 'E' QUANTO A ALTURA DA VOGAL PRECEDENTE					OCORRÊNCIA DA VOGAL 'O' QUANTO A ALTURA DA VOGAL PRECEDENTE				
ALTURA DA VOGAL PRECEDENTE	VOGAL	OCORRÊNCIA	QTDE DE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM	ALTURA DA VOGAL PRECEDENTE	VOGAL	OCORRÊNCIA	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
0	E	Abaixamento	24	2.50%	0	O	Abaixamento	16	2.20%
0	E	Alçamento	330	34.50%	0	O	Alçamento	128	17.80%
0	E	Manutenção	389	40.60%	0	O	Manutenção	456	63.30%
VBSA	E	Alçamento	43	4.50%	VBSA	O	Abaixamento	1	0.10%
VBSA	E	Manutenção	25	2.60%	VBSA	O	Manutenção	23	3.20%
VMSA	E	Abaixamento	5	0.50%	VMSA	O	Alçamento	18	2.50%
VMSA	E	Alçamento	35	3.70%	VMSA	O	Manutenção	78	10.80%
VMSA	E	Manutenção	106	11.10%	--	--	--	--	--
			<b>957</b>	<b>100%</b>				<b>720</b>	<b>100%</b>

Fonte: (LUZ, 2019).

Em relação à altura da vogal na sílaba precedente, a amostra não identificou palavras com vogais altas nas sílabas que precedem as vogais médias em posição pretônica. O 0 (zero) indica ocorrências de palavras que não apresentaram vogais em sílabas precedentes, fator analisado neste tópico.

Sobre a variável [e], houve o predomínio de alçamentos: 43 ocorrências (4,5%), mesmo com a presença de vogais baixas nas sílabas anteriores, e 25 ocorrências (2,60%) de manutenções. Já nas palavras com vogais médias nas sílabas precedentes, houve a predominância de uso da vogal média fechada: 106 de manutenção (11,1%) e 35 de alçamentos (3,7%).

Na análise da variável [o] constatamos que não houve alçamentos registrados nas palavras que apresentam vogais baixas nas sílabas anteriores. Nesse contexto, as vogais baixas e médias podem tender a um processo de harmonização vocálica, processo analisado nas pesquisas de Bisol (1981), Klunk (2007) e Carmo (2009).

Nesta pesquisa, houve o predomínio significativo de manutenção da vogal média, independente da vogal da sílaba precedente ser baixa ou média: VBSA- manutenção – 23 ocorrências (3,20%); VMSA- manutenção- 78 ocorrências (10,80%).

## Altura da vogal da sílaba seguinte

**Tabela 2.** Vogais médias pretônicas: altura da vogal da sílaba seguinte.

OCORRÊNCIA DA VOGAL 'E' QUANTO A ALTURA DA VOGAL SEGUINTE					OCORRÊNCIA DA VOGAL 'O' QUANTO A ALTURA DA VOGAL SEGUINTE				
Altura Da Vogal Seguinte	Vogal	Ocorrência	Qtidade Ocorrências	Porcentagem	Altura Da Vogal Seguinte	Vogal	Ocorrência <sup>4</sup>	Qtidade Ocorrências	Porcentagem
VASS	E	Abaixamento	4	0,40%	VASS	O	Abaixamento	1	0,10%
VASS	E	Alçamento	114	11,90%	VASS	O	Alçamento	86	11,90%
VASS	E	Manutenção	194	20,30%	VASS	O	Manutenção	248	34,40%
VBSS	E	Abaixamento	10	1,00%	VBSS	O	Abaixamento	7	1,00%
VBSS	E	Alçamento	68	7,10%	VBSS	O	Alçamento	12	1,70%
VBSS	E	Manutenção	115	12,00%	VBSS	O	Manutenção	125	17,40%
VMSS	E	Abaixamento	15	1,60%	VMSS	O	Abaixamento	9	1,30%
VMSS	E	Alçamento	226	23,60%	VMSS	O	Alçamento	48	6,70%
VMSS	E	Manutenção	211	22,00%	VMSS	O	Manutenção	184	25,60%
			<b>957</b>	<b>100%</b>				<b>720</b>	<b>100%</b>

Fonte: (LUZ, 2019).

Muitos estudos sobre o uso das vogais médias pretônicas evidenciam que a pronúncia dessas vogais varia de acordo com a altura das vogais em contextos anteriores ou seguintes, processo de harmonização vocálica. Nesse sentido, as vogais médias ou baixas em sílabas posteriores às vogais pretônicas favorecem o abaixamento ou manutenção e a presença de vogais altas podem favorecer o alçamento.

Foram analisados os contextos em que aparecem vogais altas (VASS), médias (VMSS) e baixas (VBSS) nas sílabas seguintes. Em relação ao uso da vogal média pretônica /e/, ocorreu o predomínio de manutenção [e,o] nos contextos VASS e VBSS (20,30% e 12,00%), seguido de alçamentos (11,90% e 7,10%). Já no contexto VMSS para a vogal média /e/, houve o predomínio de alçamentos (23,60%) em relação à manutenção (22,00%). Chama a atenção o fato de a vogal média na sílaba seguinte favorecer mais o alçamento do que a vogal alta. Nossa hipótese é de que o alçamento neste caso se deve mais ao contexto fonológico consonantal seguinte do que à altura da vogal propriamente.

Houve o predomínio de uso da vogal média fechada para /o/ nas três opções de segmentos vocálicos: VASS (34,40%), VMSS (25,60%) e VBSS (17,40%). O fator de harmonização vocálica pode ser claramente observado em relação ao resultado para a vogal /o/ no contexto de VMSS, mas essa regra não se aplica em relação ao /o/ no contexto VASS, momento de ocorrência relevante da vogal média fechada (manutenção) em relação ao uso de alçamentos: 34,40% e 11,90% respectivamente.

### Contexto fonológico precedente

Os contextos fonológicos precedentes podem exercer alguma influência sobre o uso das vogais médias pretônicas. Para esta pesquisa, classificamos esse grupo de acordo com os seguintes contextos consonantais: labial, coronal e dorsal.

Algumas palavras não apresentam o contexto fonológico precedente, por serem iniciadas pela vogal em estudo. Nestes casos, observamos a influência do contexto fonológico seguinte. E para reforçar a análise nos contextos em que não há a presença do contexto fonológico precedente, selecionamos as palavras em que as vogais médias aparecem em posição inicial e não inicial, a fim de verificarmos se há variação considerável neste ambiente. Nossa decisão para isso foi motivada por nossa análise anterior, quando observamos que a ausência de contexto fonológico precedente favorece a elevação de /e/ e tende a preservar o /o/.

**Tabela 3.** Vogais médias pretônicas: contexto fonológico precedente.

OCORRÊNCIA DA VOGAL 'E' CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE					OCORRÊNCIA DA VOGAL 'O' CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE				
CONTEXTO FON PRECEDENTE	Vogal	Ocorrência	Qtidade Ocorrências	Porcentagem	CONTEXTO FON PRECEDENTE	Vogal	Ocorrência	Qtidade Ocorrências	Porcentagem
0	E	Abaixamento	4	0,40%	0	O	Abaixamento	3	0,40%
0	E	Alçamento	213	22,30%	0	O	Manutenção	22	3,10%
0	E	Manutenção	94	9,80%	Coronal	O	Alçamento	35	4,90%
Coronal	E	Abaixamento	14	1,50%	Coronal	O	Manutenção	133	18,50%
Coronal	E	Alçamento	87	9,10%	Dorsal	O	Abaixamento	13	1,80%
Coronal	E	Manutenção	212	22,20%	Dorsal	O	Alçamento	51	7,10%
Dorsal	E	Abaixamento	7	0,70%	Dorsal	O	Manutenção	176	24,40%
Dorsal	E	Manutenção	41	4,30%	Labial	O	Abaixamento	1	0,10%
Labial	E	Abaixamento	4	0,40%	Labial	O	Alçamento	60	8,30%
Labial	E	Alçamento	108	11,30%	Labial	O	Manutenção	226	31,40%
Labial	E	Manutenção	173	18,10%					
			<b>957</b>	<b>100%</b>				<b>720</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: (LUZ, 2019).

Para as variáveis observadas, os contextos fonológicos precedentes favoreceram os alçamentos, mas não foram determinantes. Nesses contextos, os movimentos executados pelos articuladores ativos e passivos para a produção dos sons, nos contextos coronais, dorsais e labiais podem ou não favorecer variações. Em geral, os resultados mostram que os pontos articulatórios exerceram pouca influência na pronúncia alta das vogais, posto que houve ocorrência de predomínio do processo de manutenção, tanto para a variável /e/ quanto para variável /o/.

Para a variável /e/, os contextos fonológicos favorecedores de alçamento foram, respectivamente, os contextos labiais (11,30%) e coronais (9,10%). Relativamente à variável /o/, os contextos favorecedores de alçamento foram: labial (8,30%), dorsal (7,10%) e coronal (4,90%). Observe-se que a vogal média /e/ apresentou-se mais sensível ao alçamento do que a vogal média /o/.

Conclui-se que, embora se deva dar atenção ao contexto fonológico consonantal precedente visto que ele pode motivar alçamentos, em nossa pesquisa esse contexto mostrou-se pouco produtivo. Os dados mostram, ao contrário, significativa manutenção da vogal média.

### Contexto fonológico posterior

Para a verificação do contexto fonológico seguinte ou posterior, realizamos a segmentação: vogal [e] ou [o] seguidas de consoantes labiais, coronais e dorsais.

**Tabela 4.** Vogais médias pretônicas: contexto fonológico posterior.

OCORRÊNCIA DA VOGAL 'E' CONTEXTO FONOLÓGICO POSTERIOR					OCORRÊNCIA DA VOGAL 'O' CONTEXTO FONOLÓGICO POSTERIOR					
CONTEXTO FONOLÓGICO POSTERIOR	Vogal	Ocorrência	Qtidade Ocorrências	Porcentagem	CONTEXTO FONOLÓGICO POSTERIOR	Vogal	Ocorrência	Qtidade Ocorrências	Porcentagem	
	0	E	Alçamento	12	1,30%	0	O	Alçamento	33	4,60%
	0	E	Manutenção	12	1,30%	0	O	Manutenção	39	5,40%
Coronal	E	Abaixamento	21	2,20%	Coronal	O	Abaixamento	13	1,80%	
Coronal	E	Alçamento	356	37,20%	Coronal	O	Alçamento	51	7,10%	
Coronal	E	Manutenção	386	40,30%	Coronal	O	Manutenção	225	31,30%	
Dorsal	E	Abaixamento	3	0,30%	Dorsal	O	Abaixamento	3	0,40%	
Dorsal	E	Alçamento	13	1,40%	Dorsal	O	Alçamento	53	7,40%	
Dorsal	E	Manutenção	56	5,90%	Dorsal	O	Manutenção	207	28,80%	
Labial	E	Abaixamento	5	0,50%	Labial	O	Abaixamento	1	0,10%	
Labial	E	Alçamento	27	2,80%	Labial	O	Alçamento	9	1,30%	
Labial	E	Manutenção	66	6,90%	Labial	O	Manutenção	86	11,90%	
			<b>957</b>	<b>100%</b>				<b>720</b>	<b>100%</b>	

Fonte: (LUZ, 2019).

Os resultados mostram que a presença de um segmento coronal posterior foi o que mais motivou o alçamento para [i] (37,20%) da vogal média [e]. Já para a vogal média [o], os contextos favorecedores de alterações foram, respectivamente, a presença do segmento dorsal (7,40%) e do segmento coronal (7,10%). Nos contextos em que ocorrem o alçamento, acreditamos que o fator vogal alta na sílaba seguinte constitui um fator a ser considerado como reforço do alçamento no contexto fonológico consonantal seguinte, como ocorre em m[u]squito, m[i]nino, c[u]stela, m[i]xido. Os demais contextos não mostraram significativa influência, visto que há um número significativo de usos da pronúncia média fechada.

### Fatores Sociais (Variáveis independentes)

Nos inúmeros estudos realizados no âmbito da Sociolinguística, a presença de variáveis extralinguísticas tem mostrado significativa influência no processo de variação das escolhas linguísticas. Nesse contexto, Mollica (2003) ressalta a relevância das variáveis não linguísticas, posto que, no universo da variação, variáveis linguísticas e não linguísticas não agem isoladamente.

Para este trabalho, selecionamos as variáveis gênero, idade e escolaridade.

### A variável gênero

Labov (1972) foi precursor em observar e apontar a influência dos diversos fatores sociais sobre as formas variantes de um determinado sistema linguístico. De acordo com o pesquisador, as mulheres, em situações formais, empregam menos variantes estigmatizadas do que os homens, fator que sugere que elas podem condicionar escolhas linguísticas.

**Tabela 5.** Vogais médias pretônicas: a variável gênero.

OCORRÊNCIAS DA VOGAL 'E' QUANTO AO SEXO					OCORRÊNCIAS DA VOGAL 'O' QUANTO AO SEXO				
SEXO	VOGAL	OCORRÊNCIA	QTDE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM	SEXO	VOGAL	OCORRÊNCIAS	QTDE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
H	E	Abaixamento	19	2,00%	H	O	Abaixamento	9	1,00%
H	E	Alçamento	194	20,00%	H	O	Alçamento	76	11,00%
H	E	Manutenção	266	28,00%	H	O	Manutenção	275	38,00%
M	E	Abaixamento	10	1,00%	M	O	Abaixamento	8	1,00%
M	E	Alçamento	214	22,00%	M	O	Alçamento	70	10,00%
M	E	Manutenção	254	27,00%	M	O	Manutenção	282	39,00%
			<b>957</b>	<b>100,00%</b>				<b>720</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: (LUZ, 2019).

Nesta pesquisa, homens e mulheres realizam essa regra de modos semelhantes. Ambos utilizam mais a vogal média fechada, seguido do uso de alçamentos. Outro fator interessante é que para a vogal [e], houve uma diferença menor entre alçamento e manutenção no uso de homens e mulheres para a vogal [o]; no entanto, houve diferença significativa entre os dois fatores, alçamento e manutenção: homens- 275 (38,00%) ocorrências de manutenções e 76 (11,00%) alçamentos; mulheres- 282 (39,00%) ocorrências de manutenção e 70 (10,00%) de alçamentos, ou seja, houve o uso significativo de alçamentos para a vogal média [e] em relação à vogal [o]. Sobre o alçamento, percebe-se o maior número de ocorrências com a vogal média [e] do que com a vogal média [o]. Os abaixamentos, apesar de pouco significativos, foram maiores para o gênero masculino e envolveram a vogal média [e]. Tal fator pode ter sido influenciado pelo contexto fonológico seguinte.

## A variável idade

Nesta pesquisa, os participantes foram divididos em três faixas etárias: A (7-12 anos), B (13-19 anos) e C (20-29 anos). O limite máximo de idade se dá em decorrência da idade da capital no momento da coleta de dados. Geralmente, há uma tendência dos falantes mais velhos apresentarem um conservadorismo linguístico, enquanto os jovens são vistos como promotores de inovações e mudanças.

**Tabela 6.** Vogais médias pretônicas: a variável idade.

OCORRÊNCIA DA VOGAL 'E' QUANTO A FAIXA ETÁRIA					OCORRÊNCIA DA VOGAL 'O' QUANTO A FAIXA ETÁRIA				
FAIXA ETÁRIA	VOGAL	OCORRÊNCIAS	QTDE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM	FAIXA ETÁRIA	VOGAL	OCORRÊNCIAS	QTDE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
A	E	Abaixamento	18	1,90%	A	O	Abaixamento	5	0,007
A	E	Alçamento	141	14,70%	A	O	Alçamento	68	0,094
A	E	Manutenção	162	16,90%	A	O	Manutenção	168	0,233
B	E	Abaixamento	4	0,40%	B	O	Abaixamento	4	0,006
B	E	Alçamento	125	13,10%	B	O	Alçamento	27	0,038
B	E	Manutenção	188	19,60%	B	O	Manutenção	209	0,29
C	E	Abaixamento	7	0,70%	C	O	Abaixamento	8	0,011
C	E	Alçamento	142	14,80%	C	O	Alçamento	51	0,071
C	E	Manutenção	170	17,80%	C	O	Manutenção	180	0,25
			<b>957</b>	<b>100%</b>				<b>720</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: (LUZ, 2019).

Em relação ao fator idade, é interessante observar que houve, nos três grupos, tanto para a

variável [e] quanto para a [o], uma predominância significativa de manutenção da vogal média, ou seja, os grupos optaram pelo uso fechado dessas vogais. Na sequência, houve uso importante de vogais com alçamento, principalmente em relação à vogal [e].

Para a variável dependente [e], obtivemos para a faixa A (17%), B (20%) e C (18%); para a variável [o], A (23%), B (29%) e C (25%). Em relação às ocorrências de alçamentos, para a variável [e], obtivemos para faixa etária A (15%), B (13%), C (15%); e para a variável [o], A (9%), B (4%) e C (7%). O alçamento das variáveis [e] e [o] foi mais significativo nas faixas A (7-12 anos) e C (20-29 anos). Para a variável [o], houve uma aproximação de resultados que tendem para a manutenção nas três faixas e um índice maior de alçamento na faixa A, seguida pela faixa etária C.

## A variável escolaridade

É possível que o nível de escolaridade possa gerar mudanças na fala e também na escrita das pessoas. E como a instituição escolar é vista como meio que atua no sentido de preservar as formas de prestígio, buscamos identificar se o fator escolaridade exerce influência nas escolhas dos participantes em relação ao uso das vogais médias pretônicas.

**Tabela 7.** Vogais médias pretônicas: a variável escolaridade.

OCORRÊNCIA DA VOGAL 'E' QUANTO A ESCOLARIDADE DOS PARTICIPANTES					OCORRÊNCIA DA VOGAL 'O' QUANTO A ESCOLARIDADE DOS PARTICIPANTES				
ESCOLARIDADE	VOGAL	OCORRÊNCIA	QTDE OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM	ESCOLARIDADE	VOGAL	OCORRÊNCIA	QTDE OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
F	E	Abaixamento	18	1,90%	F	O	Abaixamento	5	0,70%
F	E	Alçamento	141	14,70%	F	O	Alçamento	68	9,40%
F	E	Manutenção	162	16,90%	F	O	Manutenção	168	23,30%
M	E	Abaixamento	4	0,40%	M	O	Abaixamento	4	0,60%
M	E	Alçamento	125	13,10%	M	O	Alçamento	27	3,80%
M	E	Manutenção	188	19,60%	M	O	Manutenção	209	29,00%
S	E	Abaixamento	7	0,70%	S	O	Abaixamento	8	1,10%
S	E	Alçamento	142	14,80%	S	O	Alçamento	51	7,10%
S	E	Manutenção	170	17,80%	S	O	Manutenção	180	25,00%
			<b>957</b>	<b>100%</b>				<b>720</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: (LUZ, 2019).

Os participantes da pesquisa foram estratificados em três níveis de ensino: Fundamental, Médio e Superior. E nessa variável também houve predominância do uso fechado [e,o] das vogais médias.

Para a variável dependente [e], em relação ao processo de manutenção, alçamento e abaixamento dos participantes que estão no ensino fundamental, obtivemos, respectivamente: 16,90%, 14,70% e 1,90%. Os resultados para o Ensino Médio foram de: 19,60%, 13,10% e 0,40%; e para o Ensino Superior: 17,80%, 14,80% e 0,70%. Para a variável dependente [o], os resultados evidenciaram que esta variável não apresenta tanta propensão ao alçamento quanto a variável [e]. Entre os participantes do Ensino Fundamental, ocorreu o uso de 23,30% de manutenção e 9,40% de alçamentos; entre os participantes do Ensino Médio, os resultados apontaram para 29% de manutenção e 3,80% de alçamentos; e entre os participantes do Ensino Superior, 25% optaram pelo uso das vogais médias fechadas e 7,10% pelo alçamento.

## Considerações Finais

Este trabalho apresentou uma descrição das escolhas do falante palmense em relação aos

usos das vogais médias em posição pretônica. Seus resultados evidenciam e permitem afirmar que a realização dessas vogais é de fato diversa e que cada pesquisa é surpreendente em decorrência da grande variação linguística que temos no território nacional.

Percebemos que as escolhas linguísticas dos participantes dessa pesquisa podem evidenciar, além de padrões linguísticos, aspectos culturais e ideológicos. Palmas ainda é uma cidade muito jovem e em formação e, nesse sentido, os usos dialetais do seu povo precisam ser constantemente pesquisados. Localizada estrategicamente no centro do estado, a capital poderia amalgamar, de acordo com Nascentes (1953), os falares do sul e do norte. E em seu processo de formação, recebeu migrantes de todas as regiões, principalmente do norte e nordeste.

Constatar essa informação, antes de iniciar de fato a pesquisa, nos permitia pensar que o falar palmense, em relação ao uso das vogais médias pretônicas, se aproximava do falar dessas regiões. Nelas, a maioria das pesquisas estudadas para a produção desse trabalho mostrou que nestas regiões há o predomínio de uso de abaixamentos [ɛ, ɔ] das vogais médias pretônicas. Mas dado o intenso contato linguístico dos falantes nativos com falantes de diferentes localidades, sabíamos que haveria a possibilidade de surgir uma identidade linguística local.

O falante de Palmas ainda é jovem e, portanto, sua fala está em processo de construção de uma identidade que futuramente poderá ser caracterizado como falar palmense. E na busca pela descrição de uma parte em especial desse falar, confirmamos, a partir dos dados gerados através desta pesquisa, a partir da análise das variáveis independentes (linguísticas e sociais) em que houve o predomínio de manutenção nas escolhas de uso das vogais médias em posição pretônica. Na sequência, observamos a preferência pelos alçamentos, seguido de reduzido uso das vogais médias baixas.

Para essa análise, foram selecionados 24 participantes, que foram estratificados por idade, gênero e grau de escolaridade. Para a coleta de dados, foram usadas 58 perguntas adaptadas do ALiB e Alingo e, na totalidade de amostras, foram analisadas 957 ocorrências para a variável dependente [e] e 720 para a variável [o].

Dentre as variáveis linguísticas, neste trabalho estão analisados os seguintes contextos linguísticos: altura da vogal da sílaba precedente, altura da vogal da sílaba seguinte, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte. Nesses contextos, houve predominância significativa de uso da vogal média fechada, seguida de alçamentos de ambas as vogais, e os resultados evidenciaram que a variável [e] apresentou-se mais propensa à elevação em relação à variável [o].

Em relação às variáveis sociais, a análise de dados para a variável independente nos permite afirmar que homens e mulheres escolheram o uso das vogais médias fechadas [e,o]. Os resultados apontaram, para a variável dependente [e], 28% para homens e 27% para as mulheres. E para a variável [o], o resultado apresentado foi de 38% para homens e 39% para as mulheres.

Sobre o fator idade, houve predominância de manutenção para as três faixas etárias selecionadas: para a variável [e]: A (7-12 anos)- 17%, B (13-19 anos)- 20% e C (20-29 anos)- 18%; e para a variável [o]: A (7-12 anos), B (13-19 anos)- 29% e C (20-29 anos)- 25%. As ocorrências de alçamentos para as três faixas analisadas apresentaram valores aproximados aos valores de manutenção, principalmente em relação à variável [e]: A (15%), B(13%) e C (15%). Para a variável [o], os resultados de alçamentos foram de 9% para a faixa A, 4% para a faixa B e 7% para a faixa C.

Os resultados aproximados das três faixas etárias evidenciam que houve a preferência pelos usos considerados não inovadores nos três grupos, mesmo em momentos de fala espontânea. A proximidade de resultados entre manutenção e alçamentos mostrou que não houve distanciamento significativo de uso das duas formas.

Para o fator escolaridade, os resultados apresentaram-se aproximados em relação ao fator idade. Os resultados evidenciaram o uso predominante de manutenção, tanto para a variável dependente [e]: 16,90%, 19,60% e 17,80% para os níveis de ensino Fundamental, Médio e Superior, quanto para a variável [o], 23,30%, 29% e 25%.

Os resultados para os três níveis de ensino estão bem aproximados e, embora fiquemos tentados a correlacionar o fator educação formal com o uso de abaixamentos e/ou alçamentos das vogais, os dados mostram que esse fator não se mostrou produtivo em relação a isso. Então não parece razoável pressupor que o maior nível de escolaridade fosse responsável por maior uso de

manutenções.

Outro fator importante e que deve ser mencionado, é que apesar de os participantes desta pesquisa serem filhos, em grande maioria, de pais nortistas e nordestinos, os participantes apresentaram, em relação ao uso das vogais médias em posição pretônica, resultados que aproximam essas escolhas com os usos identificados em pesquisas nas regiões centrais, sudeste e sul do país. Esse resultado nos permite classificar o falar palmense, relativamente ao uso dessas vogais, como um falar centro-sulista, ou seja, a predominância de uso das vogais médias-altas, seguidas das vogais altas, distancia o falar palmense do falar nordestino e nortista, posto que a frequência de uso da vogal média-baixa não foi significativa.

## Referências

ALMEIDA, Luciana de Fátima. **A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis**. 2008.282 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007.156f Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 2007.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 1981. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Linguística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BORTONI, Stella Maris. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.9-30, 1992.

BORTONI, Stella M.; GOMES, Christina a.; MALVAR, Elisabete. Variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Rev. Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, ano 01, v.1, p. 9-29, jul./dez. 1992.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Do campo para cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Variação e Mudança no âmbito do vocalismo. In Martins, Marco Antônio; Abraçado, Jussara. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. 336 p.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; ROCHA, Fabiane de Mello Viana. **Vogais Médias Pretônicas na Fala da Região Sudeste: um panorama geo-sociolinguístico**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 18/1, p. 333-364, jun. 2015

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso **Estrutura da língua portuguesa**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim M. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Padrão, 1977.

CARMO, Márcia Cristina do; TENANI, Luciane Ester. As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística. **Revista de Linguística**, v. 57, n.2. p. 607-637, São Paulo: Alfa, 2013.

CELIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES**. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2004.



- DIAS, Melina Rezende. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e Ouro Branco**. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- FREITAS, Simone Negrão de. **As vogais Médias Pretônicas no Falar da Cidade de Bragança**. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, 2001.
- FREITAS, S. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ num falar do Norte do Brasil *In*: RAZKY, A. (org.) **Estudos geo-linguísticos no Estado do Pará**. Belém: Gráfica e Editora Grafia, 2003, p. 112-126.
- GRAEBIN, Geruza de Souza. **A Fala de Formosa/GO: A Pronúncia das Vogais Médias Pretônicas**. 2008, 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Letras 243 p. Brasília: UnB, 2008.
- KLUNK, Patrícia. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente**. 2007. 112 p. Dissertação (Mestrado em Letras)- Faculdade de Letras da PUC-RS. Porto Alegre, 2007.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso.- São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. O locus da langue como um sistema e como um fato social no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. **Revista Intertexto**, v. 5, n.2, p. 1- 20, 2012.
- MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. **Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet**. *Linha d'Água*, n.25 (2), p. 67-90, 2012.
- MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. E. **Reflexões acerca da noção de língua como uma instituição social em William D. Whitney**. *Cadernos do IL*, nº 46, p. 129-147, 2013.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MILANI, Sebastião Elias *et al.* **ALINGO: Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético**. 1 ed. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.
- MOLLICA, Maria Cecília., BRAGA, Maria L. (orgs). **Introdução à Sociolinguística**. O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- NINA, Terezinha de Jesus Carvalho. **Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém**. 1991. 216f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.
- OLIVEIRA, Ronan Lucas de. **A realização das vogais médias pretônicas no falar marabense**. 2013. 162f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) 162 p. Faculdade de Letras, UFG, Goiânia, 2013.
- PAIM, Marcela Moura Torres; ANJOS, Vitor Meneses dos. O alçamento das vogais médias pretônicas em Salvador (BA) 151/**Caderno de Letras**, nº 24, Página 139 a 152, Jan-Jun - 2015
- RAZKY, Abdelhak.; LIMA, Alcides Fernandes; OLIVEIRA, Marilúcia Barros. **As Vogais Médias Pretônicas no Falar Paraense**. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 15/1, p. 293–310, jun., 2012.
- SILVA, Daniel Marra da. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- SILVA, Ailma do Nascimento. **As pretônicas no falar teresinense**. Tese (Doutorado em Letras). 2009.

236 f. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: PUC, 2009.

SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso da. **As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista**. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

SOARES, Adriana de Santana. **As pretônicas médias em comunidades rurais do semiárido baiano**. 2004. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 2004.

SOUSA, Josivane do Carmo Campos. **A variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana do município de Belém-PA**. 2010. 371f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, 2010.

ROCHA, Fabiane de Mello Vianna da. **O comportamento das vogais médias pretônicas na fala de Nova Iguaçu**. 2013. 221f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento de vogais médias pretônicas**: uma abordagem sociolingüística. 1987. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. **As vogais médias pretônicas no falar culto carioca**. 1993. 185f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

Recebido em 12 de julho de 2021.

Aceito em 13 de julho de 2022.